

CAMINHOS DE SUPERAÇÃO PARA INIQUIDADES IMPOSTAS À MULHER NEGRA EM CONVIVÊNCIA COM DOENÇAS CRÔNICAS

EULINA PATRÍCIA OLIVEIRA RAMOS PIRES¹

LUZIA WILMA SANTANA DA SILVA²

Esta pesquisa tem como objetivo geral conhecer a história de idosas negras com hipertensão arterial sistêmica nos cuidados do meio de pertencimento sociofamiliar e sistema público de saúde. O referencial teórico percorre saberes sobre as temáticas relações étnico-raciais, mulher, políticas públicas no cenário nacional às pessoas negras, questões de gênero na transversalidade com Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNT) que impactam o envelhecimento humano, e destes lançar luz sobre os saberes da resiliência. De metodologia qualitativa na linha de raciocínio da História Oral, teve como cenário o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Cuidados à Saúde da Família em Convivibilidade com Doenças Crônicas (NIEFAM), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, de onde mulheres negro-parda em enfrentamento por DCNT, foram anuentes a pesquisa. Os instrumentos utilizados foram um questionário e uma entrevista semiestruturados, uma entrevista livre e diário de campo. A coleta de dados foi realizada após aprovação do projeto pelo CEP/UESB, sendo realizada entre os meses de maio a julho/2023. A amostra foi composta por oito participantes. Os dados foram analisados segundo a metodologia da História Oral ancorada em Alberti, Meihy e Holanda e convergindo para categorização. Os resultados demonstram prevalência de DCNT como

¹ Docente do Departamento de Saúde II, Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB/ODEERE.

² Pós-doutora em Enfermagem. Docente do Departamento de Saúde II e do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade - Mestrado Acadêmico/UESB, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).



hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus tipo 2 e comorbidades associadas impactando o processo de viver envelhecer das participantes; enfrentamentos ao longo dos ciclos de vida por questões relacionadas ao racismo, sexismo e classismo, mas que foram ressignificados pelas competências adaptativas destas mulheres de forma positiva ao longeviver resiliente; também ser o meio familiar um ambiente relacional que se agrega e desagrega em sua linha de tempo vivencial e que na velhice expõe uma tessitura compreendida com o passado vencido; na dimensão relacional social sua vivência em grupos de convivência possibilita o sentimento de pertencimento que favorece competências aos cuidados de si, de acolhimento, de empoderamento, de elevada autoestima e autoconfiança, no entanto, no que concerne a relação com o sistema de saúde os sentimentos foram variados de aproximação a vínculos distantes. Considerações finais. O estudo evidenciou a complexificação do envelhecimento no contexto social e cultural do viver da mulher idosa negro-parda frente às DCNT em meio aos desafios de uma sociedade que ainda é modelada por comportamentos discriminatórios, os quais cooperam para potencializar enfrentamentos nesta fase da vida, e ainda, por um sistema público de saúde que precisa ampliar seu repertório de saberes aos fazeres à integralidade do ser mulher, idosa e que alcançou a velhice em meio a lutas diversas por ser negro-parda em uma sociedade que lhe tirou oportunidades e que lhe fez naturalizar o ser mulher para o mais servir. Um espólio da cultura eurocêntrica que ainda na velhice é perspectivado como ideal por elas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.



BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**: uma política para o SUS / MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010. 56 p

BRASIL. **Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006**. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html

Acesso em: 27 jun. 2022

COLLINS, P.H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Tradução Bianca Santana. **PARÁGRAFO**, v.5, n.1, Jan/jun. 2017. ISSN: 2317-4919. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559/506>. Acesso em: 24 out. 2022

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: Dirceu da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: teorias e abordagens. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2 ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização Flavia Rios, Márcia Lima. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

hooks, bell. **Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo**. 1 ed. 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto, Janeiro 2014.

SILVA, L. W. S. da; SILVA, D. M. G. V. da; SILVA, D. S. da; LODOVICI, F. M. M. A resiliência como constructo à práxis da enfermagem: inquietações reflexivas. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, SP, v.18, n.4, p. 101-115, out./dez. 2015. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/27067>. Acesso em: 15 set. 2021.